

INTRODUÇÃO

JORNALISMO LITERÁRIO COMO DISCIPLINA

Copyright © 2018
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisas
dores em Jornalismo

JOHN S. BAK

Université de Lorraine, Nancy - Meurthe-et-Moselle, França

ORCID: 0000-0001-5799-8973

MONICA MARTINEZ

Universidade de Sorocaba, São Paulo, Brasil

ORCID : 0000-0003-1518-8379

Publicado em 2011, a introdução ao livro *Literary Journalism Across The Globe (Jornalismo Literário pelo Globo, em tradução livre)* concluiu com um desafio aberto aos estudiosos de todo o mundo: “... parar de referir-se ao jornalismo literário como um gênero... ou mesmo como uma forma... [e] começar a chamá-lo pelo que ele é: uma disciplina” (Bak & Reynolds, 2011, p. 18).

Nesses sete anos que separam o lançamento do livro da publicação desta edição especial sobre Jornalismo Literário da revista *Brazilian Journalism Research*, o livro se tornou seminal e a resposta a esse desafio foi imensa. Ela é evidenciada pelas muitas monografias, coletâneas e artigos acadêmicos que desde então foram publicados em vários idiomas no mundo inteiro. Apesar dos esforços para estabelecer os estudos de jornalismo literário como uma disciplina independente (isto é, um campo de estudo reconhecido internacionalmente com apoio institucional de administradores universitários a editoras, de estudiosos individuais a sociedades e de empresas comerciais a agências governamentais), o desenvolvimento têm sido lento, como fica evidente nesta edição especial.

Há várias razões para essa lacuna. Para começar, como parte da premissa científica mais básica, o campo dos Estudos de Jornalismo Literário está, como deveria estar, em constante construção. Dê-nos uma área do conhecimento que consista apenas de certezas e teremos um exemplo perfeito de um campo morto. Baseado neste conceito científico fundamental, para ser considerado uma disciplina o jornalismo literário precisará continuar avançando em muitas frentes.

Uma disciplina precisa, claro, de historiadores para determinar seu *pedigree* e estabelecer seus momentos de crise institucional. E o jornalismo literário certamente foi abençoado com muitos deles em todo o mundo: Norman Sims (2007) e John C. Hartsock (2000) nos EUA; Edvaldo Pereira Lima (1993) e Monica Martinez (2016) no Brasil; Sonja Merljak Zdovc (2008) na Eslovênia; Myriam Boucharenc (2004) e Marie-Eve Thérenty (2007) na França; Isabelle Meuret (2012) e Paul Aron (2012) na Bélgica; Albert Chillón (1999) na Espanha; Charles A. Laughlin (2002) na China; e Isabel Soares (2011) e Manuel João de Carvalho Coutinho (2017) em Portugal.

Para esta já impressionante lista de nomes e países, este volume da *Brazilian Journalism Research* acrescenta Aleksandra Wiktorowska, com a história do jornalismo literário polonês e as lutas epistemológicas que enfrentou no século passado. Coletivamente, esses historiadores estabeleceram os principais períodos de desenvolvimento do jornalismo literário ao longo dos séculos, que os estudiosos vêm desenvolvendo desde então.

Uma disciplina também precisa de um corpo de textos primários e secundários sobre os quais se fundar, e os estudos da última década ou pouco mais certamente aumentaram o número e a visibilidade dos textos jornalísticos literários em todo o mundo. Recuperar textos perdidos para o cânone do jornalismo literário e debater casos de novos recrutas tem sido inestimável para o campo. Uma disciplina que tem estado em marcha lenta na construção de um corpus e na análise do discurso, que é onde os estudos de jornalismo literário parecem estar hoje, não está avançando inteiramente. Assim sendo, entendemos que uma das contribuições mais significativas desta edição especial para os estudos de jornalismo literário é a de promover um diálogo entre os mundos lusófono, hispanófono e anglófono, pois, apesar de todas as tecnologias disponíveis, a linguagem ainda é uma barreira eficaz para o intercâmbio de ideias.

Para avançar, uma disciplina também precisa de suas

próprias teorias e metodologias, que até agora foram emprestadas principalmente das disciplinas de jornalismo e literatura. Este volume da *Brazilian Journalism Research* responde a essa situação atual, acrescentando artigos àqueles já disponíveis que teorizam estudos de jornalismo literário ou exploram suas metodologias (Hartsock, 2015; Lima, 1993; Borges, 2013; Aare, 2016). Dentro dessas páginas, John C. Hartsock e Cecília Aare observam mais uma vez os importantes papéis cognitivos do narrador e do leitor no contexto do jornalismo literário. Com uma abordagem muito criativa, Hartsock oferece uma peça autorreflexiva sobre as semelhanças entre jornalismo literário e vinho (sua produção, consumo e apreciação). E Aare complementa sua pesquisa anterior sobre as estratégias narrativas do jornalismo literário, teorizando a retórica da “posição de testemunho” do escritor-narrador. Já Fabiano Ormanze, em um artigo que evidencia os fortes laços entre as comunidades de pesquisadores francesa e brasileira, examina as implicações teóricas por trás da subjetividade implícita no ato de escrever e ler o jornalismo literário, sugerindo que a teoria da linguagem de Michel Pêcheux poderia ajudar a explicar o papel do jornalismo literário em relação à produção jornalística tradicional.

Metodologias de pesquisa *ad hoc* também têm sido frequentemente importadas de outras disciplinas (por exemplo teoria de enquadramento e história de vida do jornalismo/ comunicação ou desconstrutivismo e pós-colonialismo da literatura/estudos culturais). Como tal, os estudos de jornalismo literário enfrentam continuamente o desafio de formular seus próprios métodos de pesquisa, que permitam afirmar sua autoridade e autonomia, bem como emprestar seus recursos epistemológicos a outras disciplinas confrontadas com a resolução de dilemas similares em torno da hibridação textual, especificidades internacionais e subjetividade histórica, entre outros. Por exemplo a experiência de leitura do jornalismo literário difere da do jornalismo tradicional e da literatura, embora tenhamos repetidamente emprestado teorias de ambos os campos para explicar essa experiência de leitura do texto jornalístico-literário.

Nessa edição da *Brazilian Journalism Research*, Raúl Osório Vargas, Mitzi Lewis e John Hanc amenizam essa penúria metodológica ao oferecer duas abordagens distintas para a aplicação dos estudos de jornalismo literário na formação de nossos alunos-profissionais. Vargas detalha os métodos de entrevista e investigação do jornalismo literário norte-americano e europeu como uma forma de examinar a

epistemologia da reportagem no Brasil e na Colômbia. Já Mitzi Lewis e John Hanc investigam questões sobre o ensino do jornalismo literário a partir de perspectivas amplas e focadas, por meio de pesquisas realizadas com educadores de vários departamentos acadêmicos em todo o mundo. De natureza comparativista e transdisciplinar na prática, ambas as peças mostram em que medida as metodologias dos estudos de jornalismo literário estão remodelando outras disciplinas dentro da academia.

As epistemologias, metodologias e práticas dos estudos de jornalismo literário estão, assim, inextricavelmente ligadas ao debate maior da identidade disciplinar. As pesquisas atuais do campo começaram a abrir as portas não apenas para a teorização da estética do jornalismo literário (teorias de texto, autor, leitor e ambiente), mas também para sua avaliação de referenciais teóricos, suas aplicações inter, pluri - e transdisciplinar em todo o mundo, e sua exportação como uma estrutura analítica para outras disciplinas (isto é, o conhecimento de jornalismo literário pode influenciar a história, sociologia, estudos de mídia, estudos de comunicação etc e, portanto, pode ser considerada uma ciência pós-acadêmica emergente).

Esta edição da *Brazilian Journalism Research* é uma ponta de lança neste debate sobre o status disciplinar do jornalismo literário, oferecendo visões contrastantes de sua natureza como uma técnica literária, um gênero jornalístico ou um campo acadêmico de investigação. As atuais realidades do jornalismo literário em uma encruzilhada disciplinar são abordadas aqui por Rogério Pereira Borges, assim como por Beatriz Guimarães de Carvalho e Rafael de Almeida Evangelista. Borges sugere que as construções narrativas do eu e do outro no jornalismo literário, que unem o discurso subjetivo e os dados da realidade objetiva, o tornam altamente adaptável aos estudos biográficos, enquanto Carvalho e Evangelista apontam como as semelhanças e diferenças no relato imersivo e no trabalho de campo etnográfico, do jornalismo literário e da antropologia, poderiam ser aproveitadas para melhorar o encontro de ambas as disciplinas e as narrativas sobre o Outro. Gustavo de Castro et al leva essa metáfora das encruzilhadas aos seus limites, utilizando o livro *Com o Vaqueiro Mariano*, de João Guimarães Rosa, para demonstrar como o jornalismo literário funciona transdisciplinarmente em seu tecer sem costuras de modos de comunicação baseados na narrativa, realidade e cultura, que não são encontrados em outros campos pedagógicos.

Nem todos, entretanto, são a favor do estabelecimento do jornalismo literário como disciplina e por razões válidas. Apesar de todas as vantagens, o status disciplinar também tem suas desvantagens. Uma disciplina acadêmica significa um pilar institucionalmente reconhecido e sancionado de investigação científica que aborda e resolve problemas considerados importantes pela sociedade, avança a pesquisa pertencente a esse campo (e seus muitos ramos) e forma futuros estudiosos que continuarão este paradigma bilateral de pesquisa/pedagogia. Em outras palavras, trata-se de formar discípulos, como um casal tendo crianças que compartilharão não apenas seu DNA único, mas também seus ideais, valores e tradições específicos – traços comuns que, no entanto, passam por uma transformação quando se torna aparente que os problemas de amanhã nem sempre podem ser resolvidos com as respostas de ontem. Como Mark Kramer (1995) declarou certa vez em sua introdução ao livro *Literary Journalism*, as regras devem ser dobradas ou mesmo quebradas, tanto para o bem das próprias disciplinas quanto de seus discípulos, senão correm o risco de se tornar dogmas e toda investigação científica acabar anulada sob os éditos da fé inabalável.

Uma alternativa recente à disciplina acadêmica é um campo de pesquisa denominado “estudos”, que significa modos inter-, trans ou pluridisciplinares de pesquisa acadêmica que ganham amplo reconhecimento dentro do modelo universitário e, assim, criam, como um subproduto de uma *sitcom*, um adicional, embora menor, ramo disciplinar (ou ramos) da árvore científica. Os estudos evoluem a partir da modificação orgânica do DNA de uma disciplina ao longo do tempo (sociocultural, político, avanços tecnológicos etc., como os estudos de gênero) ou do enxerto intencional de uma subdisciplina em outra (como estudos sonoros, uma combinação de estudos de cinema e engenharia de som com os estudos de cinema – emergido da ruptura dos estudos culturais com as disciplinas de literatura e história). Aqui uma metáfora apropriada seria a família reconstituída contemporânea, uma unidade social onde um ou ambos os pais trazem filhos de um relacionamento anterior, adotam, ou têm um filho ou filhos, e enfrentam os desafios diários de integrar todos os membros da família em meio aos vários ideais pré-existentes, valores e, às vezes, tradições culturais polarizadas. Em outras palavras, disciplinas criam discípulos, estudos geram polivocalidade.

Adquirir status disciplinar elevaria, assim, o jornalismo literário ao status celestial ou, precisamente, o incluiriam nas disputas institucionais que afetaram gravemente toda disciplina moderna, da física e matemática à economia e à história? É uma questão que: os

estudos do jornalismo literário, em seu esforço para ocupar um lugar vago na mesa disciplinar ao lado da literatura, do jornalismo, da antropologia e da etnografia, ainda não se questionou.

Esta edição da *Brazilian Journalism Research* conclui com dois trabalhos que debatem essa preocupação do status disciplinar de polos opostos do espectro epistemológico. No lado pró-disciplinar está Edvaldo Pereira Lima, que propõe uma disciplina de jornalismo literário que educa e fortalece o corpo político por meio de narrativas que focalizam a transformação e a expansão da consciência. No lado antidisciplinar está Richard Lance Keeble, que defende uma “democratização radical” dos estudos de jornalismo literário que apaga o elitismo cultural das disciplinas acadêmicas, especialmente as das humanidades, e desmantela os cânones construídos, que tradicionalmente valorizam a estética sobre o compromisso político. Ambos os artigos oferecem argumentos convincentes de que os estudiosos dos estudos de jornalismo literário fariam bem em prestar atenção, à medida que o campo se encaminha para o status disciplinar. Como em qualquer ambiente acadêmico, o que fortalece os estudos de jornalismo literário é sua diversidade, não suas monoculturas nem sua visão monocular.

A questão dessa edição é que, assim como a práxis do jornalismo literário tem esculpido seu nicho no mundo do jornalismo, o estudo do jornalismo literário precisará se expandir e explorar novas fronteiras dentro da academia. Na contemporaneidade, em que a própria noção de ciência está em constante revisão, essa mudança se estende muito além da metáfora da passagem de um adolescente para a idade adulta. Como adultos maduros, os estudos de jornalismo literário precisarão pesar as teorias e metodologias de suas disciplinas-materna e paterna – a literatura e o jornalismo – contra seus próprios desejos e necessidades epistemológicos e, ao fazê-lo, estabelecer seus próprios meios de abordar as muitas questões e os vários dilemas que o preocupa tanto hoje como amanhã.

Enquanto esse pensamento crítico pode suscitar respostas contrastantes de ambos os lados do espectro literário-jornalístico, como os artigos e ensaios aqui publicados demonstram, os editores desta edição do *Brazilian Research Journalism* saúdam esse debate, acreditando firmemente que nada de novo surge sem diálogo, de fora e dentro da disciplina. Afinal, os estudos literários e jornalísticos não são assombrados por suas muitas escolas, às vezes antagônicas, do pensamento crítico. Ao contrário, ambos são mais ricos por causa deles. Como diz o ditado brasileiro: “Na luta do mar contra o rochedo, quem

se lasca é o marisco”. E, no entanto, o marisco não só sobrevive a essa eterna batalha; também se nutre e prospera. Este volume espera, assim, que qualquer debate que gere acabará por servir ao estudo do jornalismo literário, estabelecendo-se como uma disciplina única, mas sempre aberta e disposta a promover um diálogo com outros campos do conhecimento.

REFERÊNCIAS

Aare, C. (2016). A narratological approach to literary journalism: How an interplay between voice and point of view may create empathy with the Other. *Literary Journalism Studies* 8(1), 106–39.

Aron, P. (2012). Entre journalisme et littérature, l'institution du reportage. *Contextes* 11. Retrieved from <https://journals.openedition.org/contextes/5355>.

Borges, R. (2013). *Jornalismo literário: Teoria e análise inovação*. Florianópolis: Editora Insular.

Boucharenc, M. (2004). *L'écrivain-reporter au cœur des années trente*. Villeneuve d'Ascq: PU de Septentrion.

Chillón, L. A. (1999). *Literatura y periodismo*. Una tradición de relaciones promiscuas. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona.

Coutinho, M. (2017). Desafios para a historiografia do jornalismo literário português. *Comunicação Pública* 12(22). Doi: <https://doi.org/10.4000/cp.1379>

Hartsock, J. C. (2000). *A history of American literary journalism: The emergence of a modern narrative form*. Amherst: University of Massachusetts Press.

Hartsock, J. C. (2015). *Literary journalism and the aesthetics of experience*. Amherst: University of Massachusetts Press.

Kramer, M. (1995). Breakable rules for literary journalists. In N. Sims & M. Kramer (Eds), *Literary journalism: A new collection of the best American nonfiction* (21-34). New York: Ballantine.

Laughlin, C. A. (2002). *Chinese reportage: The aesthetics of historical experience*. Durham and London: Duke University Press.

Lima, E. P. (1993). *Páginas ampliadas*. O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. Campinas: Editora da Unicamp.

Martinez, M. (2016). *Jornalismo literário*. Tradição e inovação. Florianópolis: Editora Insular.

Meuret, I. (2012). Le journalisme littéraire à l'aube du XXI^e siècle: regards croisés entre mondes anglophone et francophone. *ConTextes* 11. Doi: <https://doi.org/10.4000/contextes.5376>

Sims, N. (2007). *True stories: A century of literary journalism*. Evanston, IL: Northwestern University Press.

Soares, I. (2011). Literary journalism's magnetic pull: Britain's "new" journalism and the Portuguese at the fin-de-siècle. In J. S. Bak & B. Reynolds (Eds). *Literary journalism across the globe: Journalistic traditions and transnational influences* (118–133). Amherst: University of Massachusetts Press.

Thérenty, M-È. (2007). *La littérature au quotidien*. Poétiques journalistiques au dix-neuvième siècle. Paris: Seuil.

Zdovc, S. M. (2008). *Literary journalism in the United States of America and Slovenia*. Lanham, MD: University Press of America.

John S. Bak, PhD, é professor da Université de Lorraine na França e presidente fundador da Associação Internacional de Estudos do Jornalismo Literário. Possui diploma da Universidade de Illinois, da Ball State University e da Sorbonne em Paris. Foi Visiting Fellow na Harvard University (2011), Columbia University (2013), Universidade do Texas em Austin (2014) e University of Oxford (2014-16). Seus livros editados incluem *Literary Journalism across the Globe: journalistic traditions and transnational influences*, coeditado com Bill Reynolds (Amherst and Boston: University of Massachusetts Press, 2011). E-mail: john.bak@univ-lorraine.fr.

Monica Martinez, PhD, é docente do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. É doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo, presidente da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor) e autora de *Jornalismo Literário: tradição e inovação* (Florianópolis: Insular, 2016). E-mail: monica.martinez@prof.uniso.br